

## O Residual Imaginário Industrial nas Transfigurações Urbanas

Rui Barreiros Duarte

Arquitecto, Professor Associado, com Agregação, da F.A.U.T.L.  
rbdapp@iol.pt; rbd.app@sapo.pt

A alteração dos meios e modos de produção que a indústria introduz, está associada às formas de exploração do trabalho que, na Europa, com a Revolução Industrial, criou profundas transformações técnicas, económicas e sociais.

*“A Revolução Industrial transforma os métodos de projectar e de executar os produtos (...) e, portanto, interrompe a secular coerência entre formas, os processos e os usos, tanto para os elementos como para os conjuntos.”<sup>1</sup>*

Este contexto de transformações e rupturas teorizadas por Karl Marx como fazendo parte dum processo histórico que persegue uma utopia social baseada na ideologia e na revolução, gerou também uma crise do humanismo que “está seguramente ligada, na experiência do pensamento (do século XX), ao crescimento do mundo técnico e da sociedade racionalizada.”<sup>2</sup>

Por outro lado, podemos identificar uma atitude pragmática, racionalista, desmobilizadora da sensibilidade, que levou a que não se favorecesse um saber fazer conducente à recuperação estrutural de morfologias arquitectónicas que cresceram nas cidades industrializadas a partir de meados do século XIX.

Instaurada a ruptura, introduziu-se a noção de moderno, que veio a incorporar os sistemas de construção racionalizados que deveriam substituir os antigos processos artesanais, dinamizando a pré-fabricação – sobretudo na construção de habitações que constituiu o programa mais relevante da arquitectura do século XX –, e de acordo com a metodologia do catálogo proposta por Bruno Zevi.

Pode-se dizer que deste modo se constrói uma nova ordem que vai do elemento à morfologia, em que esta é determinada por princípios matriciais, construídos a partir de elementos modulares mínimos e das suas possibilidades combinatórias.

De facto, a indústria continha uma conotação passadista, tinha gerado ambientes poluentes cujos signos se manifestavam na proliferação de chaminés que pontuavam a silhueta urbana, simbolizando o domínio do trabalho transformador mecanizado das fábricas. Os problemas criados no equilíbrio da imagem e da estrutura da cidade – como foi o caso paradigmático de Manchester –, levaram a que se quisesse retirar do cenário quotidiano da cidade este tipo monopolizante de conjuntos edificados que em nada contribuíam para a qualidade da imagem urbana.

<sup>1</sup> GRACIA, Francisco de – “Construir en lo Construido, La arquitectura como modificacion”, Editorial NEREA S.A., Madrid, Espanha, 1992., p.81.  
Cit. BENEVOLO, Leonardo, “La ciudad y el arquitecto”, pp.70/71.

<sup>2</sup> VATTIMO, Gianni - “La Fine della Modernità, Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna”, Garzanti Editore S.p.A., 1985. Trad. Portuguesa: “O Fim da Modernidade, Niilismo e Hermenêutica na cultura Pós-Moderna”, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987, p.33.

Este aspecto negativo prolifera com uma lógica recorrente em várias escalas e em diferentes zonas industrializadas com presenças mais ou menos difusas, impondo a dominância de conjuntos fabris desactivados, exigindo a requalificação das memórias dos lugares.



Fig. 1 Viseu. Fábrica Têxtil desactivada

Mas hoje, é possível estruturar um pensamento já distanciado destes problemas que dê um novo sentido arquitectónico a este tema, recuperando fragmentos do passado e superando uma antiga realidade em si contraditória, permitindo conjugar diferentes valores, revelando qualidades poéticas e tectónicas expressas pela razão sensível. Ao mesmo tempo, possibilita que se equacionem experiências ricas de conteúdo, articulando significados e programas numa nova complexidade de relações, num profundo processo regenerador do sentido.

A ampliação da Tate Gallery em Londres de Herzog e de Meuron, é um exemplo paradigmático de adequação diacrónica duma arquitectura pré-existente a novos programas, cuja ampliação – também significativamente mediatizada –, exprime a desmaterialização e uma poética da luz.

Mas há aspectos que dificultam a recuperação do património industrial, e que decorrem também da própria índole da transformação urbana. Quando é extremada a rentabilização do solo e se criam novas centralidades, destroem-se muitas vezes estruturas morfológicas significativas – por vezes de inegável valor arquitectónico –, fazendo prevalecer uma atitude meramente iconoclasta perante uma questionável ideia de progresso assente numa perspectiva economicista, sem se pesquisarem modelos onde as possíveis conjunções matriciais portadoras de intencionalidades, introduzam novos sentidos poéticos que se traduzem em mais-valias culturais.

Um pensamento contextualista inovador, deve superar leituras históricas sincrónicas decorrentes de memórias e referências passadistas, propondo em contraponto um sentido de transformação urbano sustentado pelo novo carácter que se pretende imprimir ao local, aprofundando a sua condição moderna e a sua identidade através da complexidade de matrizes e da multiplicidade de relações que constituem uma mais-valia do desenho.

“O verdadeiro avanço” dizia Gregotti, “é feito sempre de descontinuidade, desarticulação, mas define-se enquanto tal em relação a algo, isto é, em relação à sedimentação histórica do presente.”<sup>3</sup>

<sup>3</sup> ARANTES, Otília – “O Lugar da arquitectura depois dos modernos”, edusp, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1993, p.127.

São questões que exploram tensões e propõem uma dialéctica da razão sensível perante o lugar, sendo necessário existir uma visualidade crítica estruturada a partir duma leitura morfológica onde se equacione a identidade arquitectónica e urbana. Também se devem fazer emergir as suas articulações e qualidades ambientais numa dimensão poética – que serão únicas porque próprias do local –, pelo que devem ajudar a construir uma fabulação cultural dinamizadora do investimento.

Equacionam-se deste modo questões relacionadas com o tempo, memória, fragmento e significado que organizam a simbólica, a identidade e o modo de vida do quotidiano.

Assim, torna-se necessário tornar legíveis dois níveis de intervenção: uma visão estruturante do conjunto que crie a matriz do modelo urbano, e uma visão localizada onde se desenham as transformações pontuais, controlando a escala de cada intervenção e a conjugação com a matriz ordenadora do conjunto integrado na imagem da cidade.

Deste modo, estratificam-se diferentes tipos de intervenção que devem equacionar o sentido de evolução articulando a escala urbana e arquitectónica destes modelos, tendo em consideração as suas qualidades semiológicas, fenomenológicas, tipológicas e morfológicas. Testando as categorias analíticas investigadas pelos analistas urbanos Kevin Lynch, Gordon Cullen, Rob Krier, Colin Rowe, ou mesmo Christopher Alexander, – que pesquisaram várias escalas e vertentes do desenho –, também o sentido posicional e a vivência do utente devem ser enquadrados por uma poética subjacente à concepção.

É na escala estruturante do desenho urbano que se definem as grandes opções que inserem qualquer conjunto edificado na cidade, devendo-se garantir a adequação e flexibilidade que permitam conjugar trechos urbanos de diversas épocas.

Venturi escrevia nos anos 60 *“Complexidade e Contradição em Arquitectura”* onde equacionava os valores subjacentes ao fórum de ideias que traduzia a pluralidade do pensamento pós-moderno. Ricardo Bofill, em Barcelona, estabelecia o seu *“Taller de Arquitectura”* numa antiga fábrica de cimento, sobre a qual foi fazendo uma progressiva apropriação.



Fig. 2 “Taller de Arquitectura”. Ricardo Bofill, Barcelona

Aqui, a simbiose entre as ruínas e o novo estatuto da construção emergente, estabelecia um universo romântico com citações goticizantes numa articulação de tempos de intervenção, evidenciando uma dialéctica suspensa entre as ruínas e uma sensível continuidade regeneradora, onde também se integrava a Natureza. Construir sobre as ruínas, ou com as ruínas, é um sistema que leva a marcar diacronicamente o tempo de hoje e a sua transitoriedade, aglutinando fragmentos do passado.

Neste aspecto, a relação com o património industrial esvazia-se de toda a carga dialéctica, para se centrar na construção fragmentária da História recuperando a construtividade dos edifícios – com estruturas metálicas, de madeira e em tijolo –, podendo as novas transfigurações refuncionalizar objectos e memórias, invertendo as estratégias dadaístas na atribuição dum valor simbólico.

Signo da pós-modernidade – uma vez que *“mostra como traço comum e mais importante o esforço de subtrair-se à lógica da superação, do desenvolvimento e da inovação”*<sup>4</sup> –, relança-se a questão contextualista através do pensamento pós-estruturalista, onde os valores emergentes propõem novas formas de leitura valorizando sobretudo as relações que se estabelecem entre as partes.

O interstício, torna-se o lugar da articulação questionando os intervalos, o que permite a apropriação de espaços e das memórias no fluir da vida quotidiana, permitindo o encontro dos tempos depositados no espaço e construindo o lugar, dando-lhes estrutura e significado.

Numa visão poética, a materialidade conjuga texturas, cores e luminosidades realçando as marcas do tempo e das diferenças da matéria, enfatizando sistemas de relações através da sua dimensão mais sensível e fenomenológica, propondo um novo olhar sobre o mundo tendo em atenção as dimensões do visível. Nesta contextualização, a novidade permite constituir a releitura de tudo, numa modernidade que se estrutura a partir de novos sentidos e atributos de valor.

Na actual encruzilhada de referências e de mudanças de paradigma, as certezas deixaram de constituir um referencial fixo, construindo-se um universo mutável onde a incerteza passou a comandar o mundo sem os atributos dum rumo pré-determinado. A redefinição de estratégias de adaptação frente aos sinais de evolução dos possíveis modelos urbanos, faz com que essa seja a sua tragédia e ao mesmo tempo a sua grande liberdade, pois é possível conceptualizar permanentemente universos selectivos de escolhas múltiplas que traduzem a própria efemerização do futuro.

A Europa, na sua turbulenta História comum, com uma civilização secular e um sentido de evolução que tenta recriar uma consciência de si própria reactualizando as glórias do passado, sabe que o património industrial – urbano ou rural –, abre

4 VATTIMO, Gianni - “O Fim da Modernidade, Nihilismo e Hermenêutica na cultura Pós-Moderna”, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987, p.88.

uma nova vertente instituindo-se como valor de referência fazendo parte dum fragmento da história colectiva, signo de uma época, passível de ser reinserido na vida quotidiana e ficando imune aos sintomas de princípios sincrónicos nostálgico-restaurativos.

Neste sentido, Jean Nouvel refere acerca de uma intervenção dos Coop Himmelb(l)au Manfred Wehdorn e Wilherm Holzbauer: *"A vontade de conservar o património industrial vienense fez com que se convertessem em habitações quatro velhos gasómetros. Construídos entre 1896 e 1899 em Simmering, uma área periférica próxima do aeroporto, a mudança para gás natural deixou-os fora de serviço desde meados dos oitenta. Em princípio dos noventa, a celebração num deles de uma grande exposição chamou a atenção sobre o seu estado de abandono e surgiu a ideia de os reabilitar."*<sup>5</sup>

Foi a alteração de atitude que se desenvolveu na Europa a partir de 1973 devido ao impacto da crise petrolífera, que determinou o reencontro com a cidade antiga criando uma reflexão sobre o passado quanto à identidade colectiva, recuperando a vivência quotidiana como indicador de civismo, tomando consciência que este facto constitui uma necessária acção crítica após os protestos radicais do Maio 68.

Ler o passado através de uma perspectiva que o articule com futuros possíveis, corresponde a um posicionamento filosófico e a uma visão artística que explora a diferença no modo de questionar diversas opções, criando um mais profundo conhecimento sobre os factores actuantes no modo de vida quotidiano da cidade.

É neste contexto, que a atitude de recuperação do património se demarca de uma visão passadista questionando as tipologias, criando-se uma articulação entre objectos e morfologia, decorrente das posições teóricas que equacionam as relações entre forma, funções, expressão e conteúdos.

Mas é também a capacidade de fazer com que a arquitectura regenere significados, que pode viabilizar e refuncionalizar o património industrial, questão que faz lembrar André Breton quando dizia que *"o enigma é que não sabemos se estamos a construir ou a destruir"*.

Em Lisboa, começaram-se a fazer os primeiros *lofts* correspondendo a uma nova maneira de encarar as potencialidades de desenvolvimento da frente ribeirinha referenciando memórias dum passado industrial.



Fig. 3 Loft, Alcântara, Lisboa

<sup>5</sup> NOUVEL, Jean - Artigo "Sin mudar de piel" in: Revista Arquitectura Viva Nº 81, p.48.

De igual modo, equacionam-se novas maneiras de habitar recuperando-se espaços de antigos armazéns portuários para diversas actividades lúdicas, culturais e de serviços, propondo a dinamização da vivência à beira do rio.

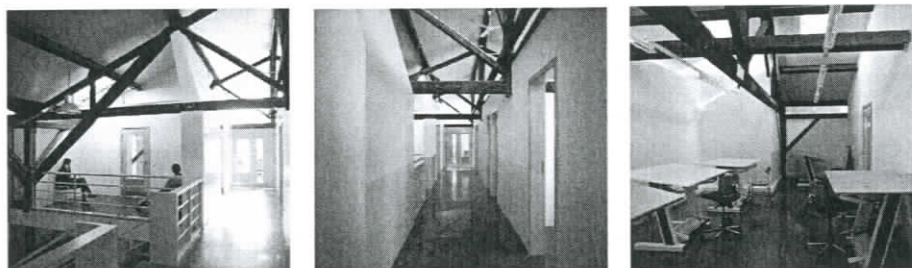


Fig. 4, 5 e 6 Interior. Espaço Ágora, Santos, Lisboa. Rui Barreiros Duarte e Ana Paula Pinheiro

As intervenções no âmbito do Património Industrial urbano confrontam-se assim com as características contextuais do território de intervenção, e com os factores de homogeneidade relativamente aos conjuntos morfológicos significativos que criam um ambiente específico.

O controlo da sua transformação, deve considerar o conjunto de valores construídos e as articulações que marcam as relações entre os edifícios que têm uma importância determinante na estrutura ambiental da urbe, definindo as qualidades do espaço público na sua escala, significado, tensões, geometrias e forma.

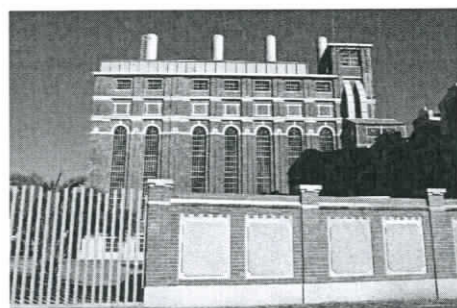


Fig. 7 Museu da Electricidade. Belém-Lisboa.

Também a importância dos edifícios em si, pelo seu valor arquitectónico intrínseco, pode adquirir a dimensão de monumento ou ter um carácter marcadamente de excepção, o que envolve uma situação paradigmática da preservação, como acontece em Lisboa com o Museu da Electricidade.

Um outro aspecto, decorre da existência de fragmentos descontextualizados que englobam elementos arquitectónicos significativos como as emblemáticas chaminés, registos de um passado que foi sendo destruído enquanto factor inaugural de um lugar. A serem tomados como referências residuais na construção duma ordem diacrónica, devem *“identificar com exactidão os limites dentro dos quais o discurso sobre a linguagem adquire significado”*.<sup>6</sup>

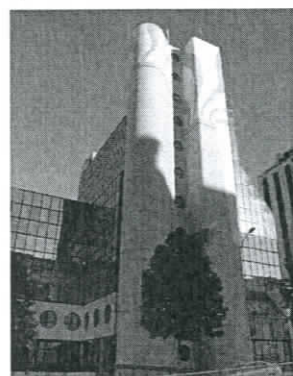


Fig. 8 Edifício de escritórios  
Tomás Traveira, Lisboa



Fig. 9 Caixa Geral de Depósitos,  
Arsénio Cordeiro, Lisboa

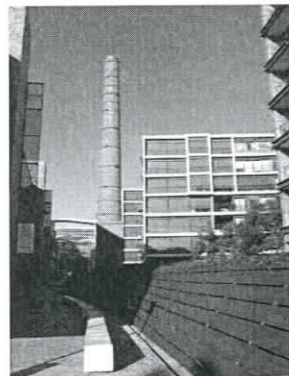


Fig. 10 Conjunto habitacional  
Frederico Valsassina, Lisboa

<sup>6</sup> TAFURI, Manfredo – “Teorias e História da Arquitectura”, Editorial Presença, Lda, Lisboa, Portugal, 1988, p. 264.

Assim, os valores espaciais urbanos e a qualidade arquitectónica, têm que referenciar a identidade da época actual evidenciando a mutação dos seus valores. A cidade não é uma obra de arte no sentido que nunca está definitivamente feita, e também não tem o estatuto de Museu numa perspectiva de paragem do tempo, embora um controlo localizado de índole patrimonial possa criar uma dialéctica culturalmente operativa relativamente às acções do presente.

Contudo, as intervenções que se fazem, de algum modo transformam o contexto e a imagem da própria arquitectura urbana. A questão é saber equacionar e definir quais devem ser os critérios de intervenção mais adaptados para cada situação, para que as novas intervenções sejam arquitectonicamente adequadas, preservando a identidade do *locus*, ou não, mas contendo sempre uma fabulação e uma poética que dinamizem e qualifiquem a vivência urbana.

*“A poética é sempre o que dá o nível de habilidade estética de um desenhador, seja ou não arquitecto, e da sua sensibilidade para com o objecto que projecta no seio duma sociedade.”<sup>7</sup>*

A ordem urbana relaciona edifícios emblemáticos através da estrutura hierarquizada e legível de ruas e espaços públicos e, como aferidor de sensibilidades, não seria despropositado existir sempre uma prévia maquetagem do conjunto pré-visualizando e aferindo soluções a diversas escalas evitando distorções do conjunto.

A zona ribeirinha de Lisboa está sujeita a fortes pressões urbanísticas que vão tomando conta dos grandes vazios e interstícios através duma maneira de “fazer cidade” – também aprioristicamente iconoclasta –, a partir de projectos paradigmáticos de autor, como Norman Foster entre outros.

O seu competente universo tecnológico, assinala na silhueta urbana um ponto de referência, uma torre esbelta onde só alguns podem ter vistas privilegiadas e exhibir o seu *status*.

Mas não vem sozinho, pois há outras torres previstas, uma operação de *marketing* que sabe o que se vende, transformando Lisboa – que como muitas outras cidades se desenvolveram a partir do comércio –, num produto comercial privado, abrindo o campo de possibilidades para que, a curto prazo, se transforme a zona ribeirinha num “paliteiro” de objectos mais ou menos tecnológicos, modernos, desconstrutivistas, vernaculares ou pós-modernos, mediatizados comercialmente, exibindo assinaturas de autor como se fosse uma tardia “*strada novissima*”, substituindo-se a morfologia da cidade pelo retalhamento de empreendimentos privados, depois de terem caído em desuso os contextualismos, e se explorar o típico e a sedução do design objectual numa fragmentação de tudo, dentro do espírito, decodificador da nossa época.

<sup>7</sup> THORNBERG, Josep Muntañola – “Arquitectura, Modernidad y Conocimiento”, Edicions UPC, Barcelona, Espanha, 2002, p.20.

Pretende-se deste modo evitar a discussão crítica e criar uma opinião que gere intersubjectividade e faça emergir um valor-verdade que se traduza no assentimento do público a um produto que se apresenta em parcelas, uma de cada vez, cada uma servindo de exemplo à outra, todas localizadas num universo restrito, nunca existindo uma visão global para que se teste o seu impacto urbano relacional, que deverá necessariamente ser aferido por uma lógica de intervenção estruturante do conjunto urbano da frente ribeirinha.

A imagem da cidade, sujeita a transformações, não poderá desbaratar a sua simbólica. O tempo é o factor determinante neste processo, pois equaciona-se uma gestação sedimentada feita durante diversas épocas, com uma escala consentânea com as técnicas da altura, existindo um conjunto de procedimentos e de signos que não ponham em causa o equilíbrio da imagem da cidade.

Hoje, as rápidas transfigurações urbanas, não são isentas de uma apetência de rentabilizar o investimento numa zona privilegiada que tem necessidade de se inscrever harmonicamente no edificado.

A questão que se pode colocar situa-se no limiar entre a Arte Urbana de Camillo Sitte, da Ordem Urbana de Sisto V, do Urbanismo de Cerdá, da *"Imagem da Cidade"* de Kevin Lynch ou, inversamente, em intervenções que valorizem as desmemorizações clonadas ou seriais da globalização, tornando tudo idêntico e sem identidade.

Deste modo, o problema da inovação coloca-se com maior acuidade na capacidade de se encontrarem sínteses e poéticas estruturantes que se conjuguem com os valores existentes no lugar, revelando o "depósito do tempo no espaço" como dizia Hegel.

Assim, há que redefinir estratégias e criar uma nova atitude de pensamento que invoque o passado sem ser passadista, a História sem ser historicista, questionando o lugar do lugar como signo da modernidade, propondo uma actuante e crítica circularidade na maneira de ver e de agir.

## Bibliografia

ARANTES, Otilia – “O Lugar da arquitectura depois dos modernos”, edsup, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1993.

GRACIA, Francisco de – “Construir en lo Construido, La arquitectura como modificacion”, Editorial NEREA S.A., Madrid, Espanha, 1992. Cit. BENEVOLO, Leonardo, “La ciudad y el arquitecto”.

NOUVEL, Jean – Artigo “Sin mudar de piel” in: Revista Arquitectura Viva Nº 81.

TAFURI, Manfredo – “Teorie e Storia dell’Architettura”, Gius. Laterza & Figli Spa. Roma-Bari, Itália. Trad. portuguesa: “Teorias e História da Arquitectura”, Editorial Presença, Lda, Lisboa, Portugal, 1988.

THORNBERG, Josep Muntañola – “Arquitectura, Modernidad y Conocimiento”, Edicions UPC, Barcelona, Espanha, 2002.

VATTIMO, Gianni – “La Fine della Modernità, Nichilismo ed Ermeneutica nella Cultura Post-Moderna”, Garzanti Editore S.p.A., 1985. Trad. Portuguesa: “O Fim da Modernidade, Nilismo e Hermenêutica na cultura Pós-Moderna”, Editorial Presença, Lda., Lisboa, 1987.